

## **Imparcialidade, deveres e riscos da atividade científica: apontamentos do princípio à Covid-19**

Noan Sallati<sup>1</sup>

**Palavras-chave:** neutralidade; imparcialidade; atividade científica.

### **Resumo Expandido**

O presente trabalho tem como objetivo, através de breve revisão da literatura, discutir sobre a imparcialidade no pensamento científico, buscando entender sua ocorrência e seus limites. Arelado ao tema da neutralidade, discute-se questões integradoras: o equívoco de se considerar uma verdade como imutável e absoluta, e, conseqüentemente, a necessidade e vantagens de uma ciência aberta a críticas e apontamentos sobre seus estudos, apresentando como exemplo aplicado a conjuntura da Covid-19 no Brasil.

Iniciando, Peixoto, Mendes e Tassigny (2020, apud LIMA e PEREIRA, 2017) discorrem que, sob influência do racionalismo de Bacon, Descartes e Kant, os filósofos do século XIX e início do século XX entendiam a ideologia como um vício que manchava a produção científica. Esta ideologia, contrária a neutralidade então desejada, poderia, segundo estes, ser evitada por um pensamento hábil e vigilante.

Em linhas gerais, uma obra que carregasse opiniões particulares era considerada sem nenhum prisma positivo ou aceitável. “A ideologia é a subjetividade inaceitável, a contaminação do objeto puro pelo sujeito impuro, a doença que fulmina a cientificidade do conhecimento” (PEIXOTO; MENDES; TASSIGNY, 2020, p. 6).

Em determinado período, entretanto, iniciaram-se questionamentos acerca do julgamento dessa subjetividade no pensamento científico:

Corolário dessa vertente de pensamento é, primeiramente, a ratificação da percepção de Kant de que inexistente uma diferenciação absoluta entre sujeito e objeto no processo de compreensão. A linguagem – que possibilita e condiciona o conhecimento do objeto – não admite a interpretação sem projeções subjetivas (...) Em segundo lugar, a descoberta de que não pensamos em algo para depois inserir-lhe uma designação ou moldura linguística, causa a superação completa da crença na ideia da possibilidade de compreensão do objeto pelo sujeito sem nenhuma interferência oriunda da subjetividade do intérprete. Relativamente à ideologia, a linguisticidade do pensamento demonstra que a projeção ideológica inicial é uma etapa indefectível do conhecimento. (PEIXOTO; MENDES; TASSIGNY, 2020, p. 9).

Um dos pressupostos para essa mudança de entendimento se deve a compreensão de que os princípios e tendências estão presentes na personalidade do indivíduo, na sua formação

---

<sup>1</sup> Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas (FCA/UNICAMP).

moral, nas tradições, e no contato cotidiano com outras pessoas. Deste modo, todo ato de conhecimento não resulta apenas da consciência puramente teórica, mas também de elementos de natureza não teórica, provenientes da vida social, das influências e desejos.

Para Karl Popper,

É claramente impossível eliminar tais interesses extra-científicos e evitar sua influência no curso da pesquisa científica. E é tanto impossível eliminá-los da pesquisa nas ciências naturais - citemos a pesquisa em física - quanto da pesquisa nas ciências sociais. (...) Não podemos roubar o partidarismo de um cientista sem também roubá-lo de sua humanidade, e não podemos suprimir ou destruir seus juízos de valores sem destruí-lo como ser humano e como cientista. Nossos motivos e até nossos ideais puramente científicos, inclusive o ideal de uma desinteressada busca da verdade, estão profundamente enraizados em valorações extra-científicas e, em parte, religiosas. Portanto, o cientista "objetivo" ou "isento de valores" é, dificilmente, o cientista ideal (POPPER, 2004, pp. 24-25).

Autores de ideologias distintas de Popper, como o filósofo Florestan Fernandes (1986), também defendem a não existência desta posição; por exemplo, ao afirmar que não existe neutralidade possível: “o intelectual deve optar entre o compromisso com os exploradores ou com os explorados”, evidenciando a demarcação de valores individuais. Donna Haraway, bióloga e feminista norte-americana, completa apontando que “o eu cognoscente é parcial em todas suas formas, nunca acabado, completo, dado ou original” (HARAWAY, 1995, p. 26).

Contudo, embora seja considerada como parte inerente do homem e do saber, a parcialidade no pensamento científico não pode ser utilizada como pretexto e um dogma ao discorrer sobre determinado fenômeno, uma vez que a crítica é imprescindível para validação de um conhecimento, e necessária para uma ciência elucidativa e com menores probabilidades de equívoco.

Popper (2004, p. 16) destaca o papel essencial e protagonista que a discussão de resultados deve apresentar dentro das ciências: desenvolver atividades científicas, sejam elas no campo teórico ou prático, é, sobretudo, um processo de questionamentos acerca do objeto de estudo; não somente críticas no sentido de comprovar ou refutar o que está colocado em debate, mas também buscando o seu aperfeiçoamento através da detecção de falhas. Portanto, da mesma forma que a parcialidade é inerente ao desenvolvimento da atividade científica, as críticas e questionamentos também são partes indissociáveis da mesma.

Este debate acerca da ciência, sua importância, e os limites da parcialidade afloraram novamente ao centro das discussões durante o cenário de pandemia da Covid-19 no Brasil, ao emergir a questão sobre a eficiência do tratamento precoce como forma de combate ao coronavírus. Uma seita, ao adotar este método como uma verdade absoluta – e colocá-lo em

prática –, ignorou estudos e debates propostos pela própria ciência, além de experiências internacionais. O resultado da inflexibilidade foram inúmeros casos de mortes, conforme narra Rocha (2021).

As atitudes de intransigência quanto os métodos científicos, entretanto, estavam englobados num patamar superior: na prática, o governo adotou como procedimento a negação da gravidade da pandemia do coronavírus, e não promoveu quaisquer ações no sentido de resguardar a integridade e a vida no país. Suas únicas ações rumavam no sentido oposto ao praticado no restante dos países do mundo, em uma evidente política pública de contágio e crença na “imunidade de rebanho”, ou seja, na contaminação massiva da população com vistas a uma espécie de “imunidade natural” contra o coronavírus. Observou-se, deste modo, ao ignorar e praticar a negação da ciência, uma catástrofe humanitária<sup>1</sup> no país, que até o final do mês de julho já havia ocasionado, oficialmente, mais de 555 mil mortes.

Tais fatos demonstram que a única solução possível para os problemas contemporâneos reside na atividade científica: desde a crença e adoção da mesma, até na sua realização de modo responsável e transigente, independente do campo do conhecimento que a mesma reside e da adversidade enfrentada.

Neste sentido, Ulrich Beck, em sua obra “Sociedade de Risco: Rumo a uma outra modernidade”, situa a ciência no tempo corrente como ferramenta de origem, de conhecimento e solução das ameaças aos indivíduos e a humanidade. O alemão também exalta a crítica como essencial, utilizando-a como o caminho de evitar estes riscos da cientifização: “O portão capaz de encerrar e processar os riscos chama-se: crítica da ciência, crítica do progresso, crítica dos especialistas, crítica da tecnologia” (BECK, 2010, p. 241).

Uma ciência inflexível é um potencial risco aos próprios indivíduos. Sua negação, igualmente. A experiência brasileira – utilizando métodos científicos duvidosos e que por vezes ignoraram alertas da própria comunidade, e a desprezando – é contundente.

Em suma, para além da necessidade de consideração da ciência, destaca-se que a absorção de juízos é um ato saudável e necessário para a atividade científica, em virtude da sua inerente parcialidade, e também na busca de seu devido aperfeiçoamento. A própria ideia de conhecimento envolve, em princípio, a possibilidade de que revelar-se-á ter sido um equívoco. Uma ciência aberta ao debate, receptiva quanto a julgamentos e considerações sobre seu conteúdo é essencial e representa benefícios para toda a coletividade, principalmente no advento de períodos em que a mesma assume ampla importância e destaque, atuando como

---

<sup>1</sup> O mesmo adjetivo foi utilizado pela organização “Médico sem fronteiras”, em artigo de opinião denominado “Falhas na resposta à COVID-19 levam Brasil a catástrofe humanitária”.

propulsora e norteadora dos avanços tecnológicos, e no progresso dos mais variados campos do conhecimento, como por exemplo, nos relacionados a saúde.

### **Referências Bibliográficas**

BECK, Ulrich. Sociedade de Risco: Rumo a uma outra modernidade. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2010.

FERNANDES, Florestan. Para o sociólogo, não existe neutralidade possível: o intelectual deve optar entre o compromisso com os exploradores ou com os explorados. *Leia*, São Paulo, v. 7, n. 96, p. 25, 1986.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In: *Cadernos pagu*, n. 5, Campinas, p. 07-41, 1995.

LIMA, Paulo Gomes; PEREIRA, Meira Chaves. Sobre o racionalismo e o empirismo no campo pedagógico. *Revista Ensaios Pedagógicos*, vol.1, n.1, jan./abr., p. 67-76, 2017.

PEIXOTO, Francisco José Guimarães; MENDES, Vicente Alfeu Teixeira; TASSIGNY, Monica Mota. A Lógica Das Ciências Sociais E Objetividade Científica: O Criticismo De Popper Como Ferramenta Para Superação Da Ideologia. *Prim@ Facie*, v. 19, n. 40, p. 01-30, 2020.

POPPER, Karl Raymand. *Lógica das ciências sociais*. Tradução: Estevão de Rezende Martins. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

ROCHA, Camilo. As mortes associadas à nebulização de cloroquina. *Nexo Jornal*, 2021. Disponível em: <<https://bityli.com/OzfKz>> Acesso em: 08 jun. 2021.